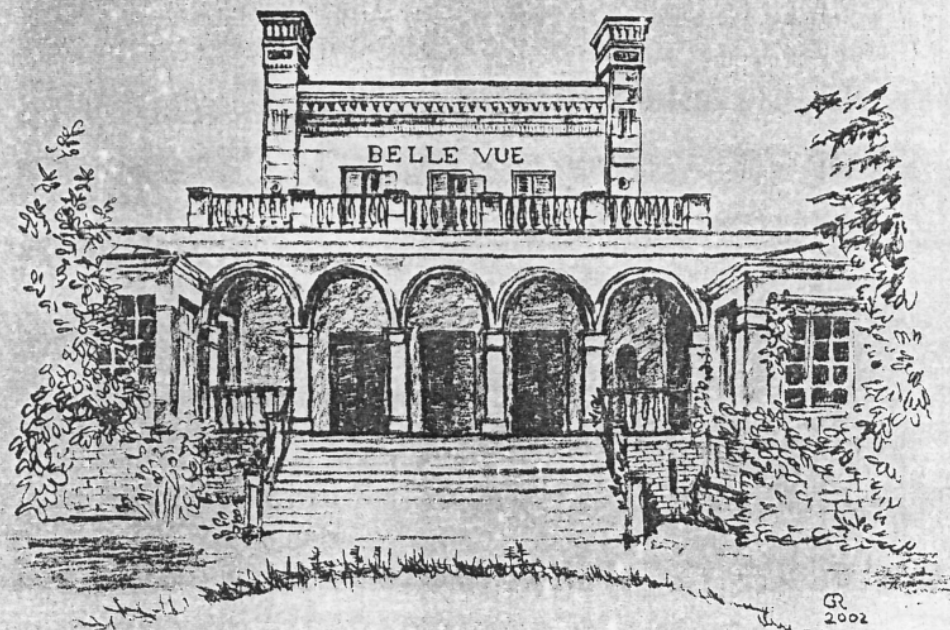


11 - 2002 338406

Revista do CEP de PA

Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre

A Clínica



ANO 11 - Nº 9 - NOVEMBRO DE 2002

ANO 11 - Nº 9 - NOVEMBRO DE 2002

Revista do CEP de PA

O TERRORISMO E SEUS EFEITOS PSÍQUICOS

Maria Carolina dos Santos Rocha*

*Novas tecnologias formatam,
na concretude do espaço societário
e no imaginário social,
um novo tipo de terrorismo*

Para começar gostaria de dizer o quanto me parece crucial este assunto, hoje aqui em pauta, no agenciamento das perplexidades sobre o despontar de um novo paradigma de conhecimento que se articula nas sociedades contemporâneas.

Gostaria, ainda, de destacar a relevância da preocupação teórico-prática deste espaço do CEP dedicado à expressão das Inter-Seções.

Efetivamente, no âmago deste atual espaço societário "globalizado", tanto concreta quanto imaginariamente falando, e dentro do qual se desenrolam os fios da tessitura que existe entre as intenções e as ações do homem, é preciso privilegiar um lugar para as inter-seções.

Pensar "as" inter-seções e estar "nas" inter-seções é, para começar, entender que aquilo que se parte em parcelas menores pertence, via de regra, a um volume maior, que passa, muitas vezes, despercebido. Analisar as inter-seções é poder designar as partes detalhadamente, procurando não abandonar a compreensão do que seja o todo. Mas, o que talvez seja mais interessante, num momento crítico como este em que vivemos, é poder atribuir às diferenças das parcelas menores, contidas nas partes de um todo mais amplo, sua importância na manutenção desse todo; sua originalidade na formatação dos diferentes conteúdos que nele se encontram; sua legitimidade na coesão de um projeto que se faz realidade e que nos confronta, exigindo um novo tipo de ação.

* Profª Adjunta na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Filosofia (UFRGS/Brasil e Escola Especial de Arquitetura/Paris). Mestre em Filosofia (Universidade Católica de Lovaina/Bélgica). Mestre em Sociologia (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais/Paris).

Tudo isto pode parecer muito metafórico, mas, na verdade, pretendemos aplicar esta analogia das partes e do todo na busca de uma compreensão na dinâmica do funcionamento concreto e imaginário de algumas partes no suposto todo de uma civilização, de uma cultura, procurando apreender, aí, as trilhas dos impactos sofridos no espalmar de suas interdependências.

Temos em análise hoje a temática do terrorismo e de seus efeitos psíquicos e nós vamos trabalhar com esta questão nas inter-seções de uma antropologia filosófica e política.

Digamos, para começar, que o terrorismo pode ser delimitado como fazendo parte estratégica de uma espécie de "delinqüência" bélica que, por sua vez, situa-se num contexto bem mais amplo do desenvolvimento de uma logística militar desenvolvida após a Guerra Fria (1948-1989).

Ao abordar essa logística militar, alguns estudiosos entendem que estamos frente a *um novo tipo de terrorismo*. Mas talvez o mais interessante seja compreender que, no âmago do surgimento desse novo tipo de terrorismo, estamos diante de uma *nova concepção de território* que, na verdade, é pouco explorada — na dupla face dos componentes que a formam, ou seja:

- a) tanto nos fatos culturais concretos embasados, entre outros fatos, numa revolução tecno-midiática;
- b) quanto naqueles formados pelo imaginário societário, que se estruturaram a partir dessa revolução.

Paul Virilio, urbanista francês contemporâneo e filósofo percutante no estabelecimento de um diagnóstico da crise na territorialidade da cultura ocidental contemporânea, vai exortar-nos a compreender a nova disposição geopolítica de uma logística emergente a partir da I Guerra Mundial. Logística que vai delimitar, em um nível global, uma concepção e vivência espaço-temporal *sui generis*.

Virilio vai mostrar-nos a vetorização (direção, orientação) desenvolvimentista de uma logística militar que, tanto na sua disposição territorial quanto imaginária, vai ancorar seus agenciamentos concretos e abstratos no *modus vivendi* de uma cultura que se pretende, ironicamente, ser aquela do "Bem Estar".

Essa orientação desenvolvimentista mostra-nos, ainda, a interação que foi feita das partes no todo, ao apontar a trajetória que se estabeleceu pelo conluio efetivado entre a tecnologia e a militarização de um Estado que vai abarcando, sutilmente, esse hiato, esse espaço que sempre existiu entre o mundo das intenções (da palavra) e das ações (do ato) de um sujeito.

Mas para explicitar melhor o processo dessa militarização do cotidiano, responsável por esse novo tipo de terrorismo, comecemos por uma hipótese de trabalho que gostaríamos de partilhar com vocês e que se formularia assim: o processo de globalização planetária tem um caráter difuso, aloja-se em uma parcela de penumbra da imagem de síntese transmitida pela tecnologia midiática, e, entre outros elementos importantes de mudanças na temporalidade societal, faz surgir um novo tipo de terrorismo.

Nosso tempo de exposição é bastante exíguo para o detalhamento dos dados que nos levariam a analisar aquilo que está em pauta na própria concepção e exercício de idéias e de práticas na territorialidade contemporânea, mas o mais importante seria indicar aqui o *despontar de um novo agenciamento do espaço-tempo* que se estabelece através da incursão e do desenvolvimento de dois elementos importantes:

a) das *novas formas de percepção* e subseqüente *comportamento* do homem no centro desse processo globalitário;

b) das *novas técnicas e instrumentos* que formatam, com a legitimação de uma tecnocracia emergente, um modelo midiático onipresente no âmbito do que se concebe como sendo o ponto nodal da comunicação humana.

Procurando pensar sobre a nossa hipótese inicial, que dizia que o processo de globalização é uma das características das quais o novo terrorismo faz parte, vamos supor ainda que possamos tomar como demonstradas as seguintes afirmações:

1) a primeira diria que todo o território é formado pela conjunção do elemento de um *espaço concreto* medido pela extensão, que vai, por exemplo, de A a B; e de um *espaço imaginário* que cada um de nós formata, mentalmente, na criação de nossos anseios, desejos, ilusões, projetos;

2) a segunda diria que essa conjunção entre o espaço concreto e imaginário na formatação da territorialidade indica que a mudança de um incorre, necessariamente, na mudança do outro, pois que ambos fazem parte

dos mecanismos, através dos quais, o homem habita seu meio, sua terra, seu mundo.

3) a terceira chamaria nossa atenção para o fato de que o tratamento dado aos objetos, através da tecnologia, nas diferentes culturas e civilizações, postula um ideal de vida, de habitabilidade, não somente nas maneiras novas de criar e apresentar esses artefatos, como na postulação e crença de uma ação legítima de conhecimento no mundo da vida por meio desses artefatos.

Tomadas essas três afirmações em consideração, devemos procurar questionar até que ponto essas crenças nos artefatos criados pela técnica, através da engenhosidade humana, justificam, real e extensivamente, as propostas de mudanças na percepção e no comportamento do homem em tais crenças inclusas.

Em outras palavras, devemos poder perguntar, incisivamente, pelo estatuto legitimatório que passou a ocupar esse artefato técnico no centro da nossa civilização. Vejam que, na verdade, trata-se de chamar a atenção para a necessidade de um exame minucioso no *estatuto de legitimação e exercício da tecnologia* no nosso mundo atual.

Verificamos que, com efeito, de um simples instrumento, que seria aquele capaz de ajudar o homem no seu suposto "domínio" do mundo natural, o artefato vai transformar-se, pouco a pouco, numa espécie de possibilidade "redentora" daquilo, e que passará a ser definido como o próprio motor do progresso e desenvolvimento precípua dos parâmetros de uma civilização.

Agora, a ação do homem sobre o mundo parece articular-se bem mais através das possibilidades oferecidas por meio dessa tecnologia, e bem menos há delimitação e circunscrição do mundo da vida, configuradas pelas aptidões naturais do próprio homem no convívio com o seu semelhante.

O que nos interessaria discutir com vocês seria, então, uma postulação de princípios. Esta iria na direção de compreender que tais transformações, que se deram no contexto da habitabilidade territorial contemporânea (a concreta e a imaginária), têm um laço íntimo e constitutivo com a maneira, tanto de, inicialmente, legitimar um saber de predominância tecnocrata, quanto de, logo em seguida, privilegiar as práticas societárias, através das revoluções tecnológicas emergentes no final do século XIX e no decorrer do século XX.

É assim que, de uma maneira mais ampla, a partir dessas *transformações efetivadas na maneira do homem conceber e ocupar o território*, – sobretudo pela mediação dessas tecnologias – e emergência dessa nova prática de confrontação terrorista vai mostrar-se numa ligação direta com os modos de concepção e realização dessas mesmas transformações pelas quais todos nós passamos e que, à primeira vista, podem dar o ar de pertencer exclusivamente a preocupações teóricas de um urbanista, de um geostrategista, ou mesmo, de um filósofo político.

Se levarmos em conta, através dos séculos, como se organizaram as técnicas de defesa e de ataque no âmago mesmo dos modos de preparar-se concretamente, ou de imaginar ilusoriamente, os perigos que sempre ameaçaram, ou pareceram ameaçar o homem, podemos traçar um paralelismo da concepção e uso dessas técnicas, com a mutação da própria estrutura da ação humana no espaço – agora precipuamente midiático e dominado pela ótico-eletrônica – sob a qual se apresenta o novo terrorismo.

Devemos perceber que, com a mutação ocorrida no desenvolvimento e enfoque globalizados da tecnologia midiática de difusão instantânea, aquela chamada “do tempo real”, o tratamento dado ao ataque à territorialidade não obedece mais aos fronteiras que, a partir de agora, já podemos chamar de clássicos: quais sejam, o da terra, o do ar e o do mar.

Com efeito, na era da instantaneidade, propiciada pela imagem digital, o fronte não é mais a terra, o ar ou o mar. O fronte não é mais aquele delimitado pela fronteira natural, não é mais, propriamente, aquele da demarcação desses territórios dados na medida terrestre, aérea ou marinha. O fronte é, agora, aquele da interface numérica oferecido pela digitalização da imagem televisiva.

Após o impacto dessa primeira constatação, que parece já tão corriqueira, mas que esconde, na verdade, uma carência imensa de reflexão – dizendo, sobretudo, respeito à mudança drástica numa fenomenologia da percepção que, através do aparato técnico, mudou dramaticamente os parâmetros da temporalidade societal – terminamos com uma pergunta:

Sem um tratamento analítico cuidadoso do encadeamento das partes dessas inter-seções concretas e imaginárias, que formatam o tempo-espaço da nossa cultura e que parecem privilegiar assintosamente um tratamen-

to tecnocrático das comunicações intersubjetivas, como abordar um diagnóstico sintomático no enfrentamento dessa nova forma de terrorismo que eclodiu global e instantaneamente em todas as interfaces no dia 11 de Novembro?

Referências

VIRILIO, Paul. (1983) *Guerra Pura: a militarização do cotidiano*. São Paulo, Brasiliense.

VIRILIO, Paul. (1993) *Guerra e Cinema: logística da percepção*. São Paulo, Página Aberta.

VIRILIO, Paul. (1994) *A máquina de visão*. Rio de Janeiro, José Olympio.

MARIA CAROLINA DOS SANTOS ROCHA

Rua Itaboraí, 139/202 – Petrópolis

90670-030 Porto Alegre – RS – Brasil